

Estética na Musicoterapia e a Cognição Sensível

Clara Márcia de Freitas Piazzetta⁸

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão dentro do campo da Música em Musicoterapia no viés da Estética. Dialoga com autores que a apresentam como manifestação artística e autores que a trazem pelas suas características estéticas (filosofia da Arte). O debate deste artigo caminha na direção de uma terceira possibilidade: Estética como conhecimento sensível. Deste modo esperamos ampliar o entendimento da Estética e suas implicações para fundamentação do uso da música no campo da Saúde através de uma Estética da Percepção, uma cognição sensível. Por se tratar de um Fórum Paranaense priorizou-se como banco de dados as publicações científicas da Faculdade de Artes do Paraná.

Palavras chave: Musicoterapia, Comunicação Estética, Conhecimento Sensível

ABSTRACT

This paper presents a discussion within the field of Music in Music Therapy in the Aesthetics bias. It proposes a dialogue with authors who present it as an artistic expression and authors who present it according to its aesthetic characteristics (philosophy of art). The discussion of this article walks towards a third possibility: Aesthetics as a sensitive knowledge. In this way, we hope to increase the understanding of Aesthetics and its implications for the rationale use of music in the Health field by means of an Aesthetics of Perception, a sensitive cognition. Since it was a Paranaense Forum, the database of scientific publications of Faculdade de Artes do Paraná was prioritized.

Key-words: Music Therapy, Aesthetics Communication, Sensitive knowledge

INTRODUÇÃO

Estudos e trabalhos que abordam o campo da Estética na Musicoterapia são recentes. As abordagens centradas na Música têm oferecido através do

⁸ Mestre em Música; musicoterapeuta; docente no Colegiado de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná e integrante dos grupos de pesquisa NEPIM/FAP-CNPq e NEPAM/UFG-CNPq. musicoterapia.atendimento@gmail.com
Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia v. 13, 2011

*Voices: Word Fórum for Music Therapy*⁹ mais reflexões nessa direção com questões que problematizam a visão da Estética por uma Filosofia da Arte, enquanto relacionada à beleza e destreza na performance musical do musicoterapeuta. Nas discussões desta temática nesse Fórum a Música é defendida como o meio o qual¹⁰ o processo terapêutico se dá.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares de Musicoterapia – NEPIM/FAP, em sua publicação (2010) trás os temas da Arte e da Estética direta ou indiretamente em seu corpo de artigos. Os autores apresentam o tema considerando-o, por diferentes bases de pensamentos. Deste modo apontam tanto para uma filosofia da Arte como para a Estética relativista do impreciso e paradoxal. A Arte como manifestação da expressão humana é essencial ao homem e, a *música é uma manifestação artística*¹¹ com significativo alcance no campo das emoções.

Na constituição transdisciplinar ou interdisciplinar do campo teórico da Musicoterapia os ambientes, Música, Arte e Ciência são apresentados como ‘colunas’ disciplinares. Toda e qualquer discussão e definição em um elemento dessas colunas pode refletir no corpo teórico da musicoterapia como um todo. Alguns estudos no campo das Neurociências são mais presentes, inclusive, os que investigam Música e cérebro deixando mais evidente a integração entre Música e Ciência.

Música e Arte por um rápido olhar pode parecer redundância uma vez que a música é também Arte. Contudo segundo Camargo (2009), a música pertence ao mundo dos sons, sendo assim o mundo dos sons é maior que o mundo da música. Na arte e estética pode-se considerar da mesma forma, ou seja: a arte está no campo da estética e assim, as expressões estéticas vão mais além que as manifestações artísticas.

E na Musicoterapia pouco se aborda da relação entre Arte e Estética. Existem os autores que se detém na Estética e assim a música é o local onde o terapêutico acontece; existem autores que abordam o campo artístico e a

⁹ Fórum virtual de discussões: www.voices.no

¹⁰ Grifo nosso

¹¹ Grifo nosso

música é vista como manifestação artística que expressa a interioridade humana, a Arte para ‘representar seu eu’.

Já é sabido por pesquisas que a Música na Musicoterapia não é a mesma música na Música¹². O presente artigo, assim, trás o tema da Estética na Musicoterapia dialogando com as palavras de autores integrantes do NEPIM, as diferentes definições de Arte pelas distintas Estéticas, algumas vozes presentes no *Voices* e reflexões pessoais quanto se é possível uma terceira consideração. Algo que acolha o sensível e a experiência musical como o lugar onde os sentidos reais colocam os participantes em contato com a realidade como ela é e não como aquilo que se pode falar dela. Ou seja, uma experiência estética complementar ao exercício da lógica e da representação já defendida nessa literatura seja por uma filosofia da Arte seja por arte como expressão da interioridade humana.

Com isso pretende-se trazer mais elementos na problematização dentro do fazer musical e suas contribuições nas fronteiras de nosso campo teórico. Começamos pela apresentação das relações entre Arte e Estética.

Arte por diferentes Estéticas

O pensamento ocidental tem por base as ideias presentes na Grécia antiga, de modo que, com a Arte não seria diferente. Ela vem sendo considerada uma atividade que tem lugar “junto às filosofias, ciências e às técnicas” (CAMARGO, 2009, p. 99). Nessa direção foi associada ao *belo*, ao rosto do *bem* e a expressão da *verdade* e à “normatizações éticas e à reflexões filosóficas” (grifo do autor, *Ibid*, p. 99). Seguiu, portanto na direção do *logos*, da razão no exercício do raciocínio.

Por essa direção uma definição de Arte é fundamental, pois apenas deste modo pode-se estudar, entender e conhecer algo. Segundo Camargo (2009), diferentes estéticas geram contextos distintos de entendimento da Arte.

¹² CRAVEIRO de SÁ, Leomara. A teia do Tempo e o autismo. Música em Musicoterapia. UFG Goiânia: 2003.

O autor apresenta de modo didático um quadro cronológico das definições de Arte e as bases estéticas dos conceitos para problematizar a Estética enquanto regras de normatização do que possa ser considerada Arte.

Assim, partindo do pensamento da antiguidade clássica e suas bases conceituais as reflexões sobre valores apresentam-se por aspectos intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos estão presentes em: Teoria Mimética e teoria Essencialista, Teoria Reflexiva da Arte, Teorias Psicológicas da Arte, Teorias Formalistas, Teoria Crítica da Arte e Teoria Expressionista da Arte; Os valores extrínsecos estão presentes em: Teoria da Indefinibilidade da Arte, Teoria Institucional da Arte, Teoria Simbólica da Arte até a Anti-Teoria da Arte nos tempos atuais.

Com essa recapitulação Camargo (2009) questiona: ‘para onde vai a estética?’ se ela não tem mais a função de normatização do fazer artístico. Na contemporaneidade “não pode mais prever o que seja arte e seus pressupostos canônicos caducaram diante da hiper-velocidade com que as situações emergem e submergem” (CAMARGO, 2009, p.111), não existe tempo de organizar uma norma, pois rapidamente outra manifestação artística se apresenta.

Se pelo senso comum a estética ficou limitada a ser um manual de construção e explicação da arte, na contemporaneidade ela perde sua função. Mas pode-se ainda resignificar a Estética e, Camargo (2009) relembra as ideias de Alexandre Baumgarten (sec.XVIII) ao apresentar uma delimitação entre Arte e Estética.

Caso Alexandre Baumgarten houvesse tido a oportunidade de desenvolver sua ‘estética’ no século XVIII, como um conhecimento autônomo (*Cognitio sensitiva*), certamente seria mais fácil entender que a estética deve ser vista como um campo de conhecimento, enquanto a arte trata-se evidentemente de uma prática produtiva (*poesis*) que se utiliza da criatividade do artista para gerar experiências e ou objetos estéticos (CAMARGO, 2009, p. 109).

A Estética como campo de conhecimento e Arte como produção criativa. Isso pode fazer sentido no campo da Musicoterapia também, pois os autores

musicoterapeutas que fundamentam seus trabalhos na Estética destacam seu valor para o autoconhecimento. Assim, será que o fato do campo da Estética ter aparecido apenas recentemente na teoria da Musicoterapia tem relação com o senso comum que a coloca como um manual de como fazer arte? Se for assim, faz sentido ela estar aparecendo mais intensamente apenas, no tempo atual quando o campo da Arte parece ter abandonado o 'manual'. As distintas manifestações sonoras e musicais presentes nos trabalhos de musicoterapia não precisam referir-se a 'uma' certa Estética, mas sim, podem ser o meio pelo qual o musicoterapeuta conhece seu cliente e suas potencialidades.

O entendimento ou interpretação das construções sonoro-musicais na musicoterapia aparece como representação de conteúdos internos ou como forma de conhecimento. Contudo é fato que as experiências estéticas têm uma característica particular: elas colocam as pessoas em contato com a realidade. "Talvez agora rendamo-nos aos fatos... estéticos, e deixemo-nos ao sabor da experiência, *locus* privilegiado do corpo, de onde a mente recebe os dados do mundo, sem ter sobre ele o governo que imaginávamos ser possível realizar" (CAMARGO, 2009, p. 112). Isso é possível com experiências que mobilizem a percepção humana no aqui e agora, no sensibilizar, afetar, perturbar. O campo da Arte é repleto de possibilidades nessa direção e a música é distinta entre as Artes quanto à sua capacidade (poder) de alcançar as sensações e emoções humanas no aqui e agora, no contato com a realidade.

Experiência Estética e a realidade

Ao tentar definir Música alguns problemas aparecem. As variáveis são muitas e norteiam o campo da Psicologia da Música de modo que a Música nessa área é tida como aconceitual (SEKEFF, 2003). Bruscia (2000), contudo seguindo por pensamentos diferentes da Psicologia defende que a Música é uma instituição humana e como tal está diretamente construída "pela perspectiva de realidade do ser humano" (apud, SILVA, 2010, p.28). Segundo

Silva (2010) entender tempo e espaço na Música vem ao encontro da perspectiva da realidade.

Ao propor essa discussão sobre Musicoterapia: a música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades, Silva (2010, p.34 - 35) traz três conceitos de Koellreuter quanto a uma estética relativista do impreciso e paradoxal. Os conceitos de *Tempo-espaço* em uma única dimensão, uma gestalt com presente, passado e futuro; dentro e fora; extra, aqui e acolá integrados. Isso contribui para o que de fato é conciso, ou seja, “a dimensão de uma existência no aqui e agora” que “garantem os estados presentacionais de ser e estar”; *biograviton* que trazido para o campo da música a considera como expressão de vida. “algo que provém da escolha de cada ser no momento presente em que ela acontece”; *apercepção e arracionalidade*: o primeiro refere-se a processos que permitem acrescentar mais elementos ao que já foi percebido. Arracionalidade busca ser uma visão integradora do que vem a ser racional e irracional com isso supera a visão mecanicista que polariza o que é razão e o que não é.

O autor complementa com a questão que a experiência musical na musicoterapia pode ser repensada a partir dessa ampliação da percepção e da compreensão que o homem tem sobre a música e sua realidade. Deste modo o encontro do ser humano com a música é um acontecimento onipresente nas distintas realidades da existência humana. O homem ao usar da arte o faz como representação de si com suas realidades circundantes e com visões transcendentes.

Musica em Musicoterapia “pode constituir-se um espaço-tempo facilitador da compreensão da existência e de seus problemas (...) um *intermezzo* da relação terapêutica” (SILVA, 2010, p.37). A estética relativista de Koellreutter delimita seu pensamento artístico sobre música em Musicoterapia. A Estética como uma filosofia da Arte.

Cunha et all.(2010) localizam o surgimento da Musicoterapia no sec. XX momento esse que “se aprofundava a dor individual e coletiva na observação da desapiedada realidade” (MAGNARI, *apud* CUNHA et. all. 2010, p.18), mais especificamente, após a segunda guerra mundial.

Esses autores ao discorrerem sobre 'Homem, Música e Musicoterapia' não tratam da estética e sim discutem essa relação na ação artística. Ao tratar da Música na musicoterapia destacam o aspecto da realidade, e da tomada de consciência de cada pessoa no fazer artístico. A ação musicoterapêutica é assim, transgressora e "tende a considerar a realidade da condição física"(CUNHA, 2010, p. 21), não fixa-se apenas nas possibilidades mas trabalha com a realidade da condição integral das pessoas.

Na interação mediada pela música, o musicoterapeuta e os sujeitos participantes tornam-se sujeitos da ação. Essa prática se preocupa em trazer à consciência da pessoa a sua dimensão sonora a partir de interações mediadas pela linguagem musical. A manifestação musical do sujeito torna-se o principal elemento interpretativo de sua subjetividade. Implicados nessa troca, musicoterapeuta e participantes ampliam limites, progredem na expressão da musicalidade. A resposta musical da pessoa é reveladora de pautas identitárias, da dinâmica afetiva, do processo cognitivo e das possibilidades de movimentação e expressão corporal dos participantes (CUNHA et. all 2010, p. 21-22).

O elemento humano considerado como parte de construção da expressão artística é a musicalidade e sua "expressão parece estar atrelada a fatos concretos". A arte é uma manifestação forjada na cultura de modo que a dimensão da ação terapêutica da Música (manifestação artística) considerada como mediadora é composta por sonoridades. Essas sonoridades são como "elementos psicossociais e terapêuticos uma vez que possibilitam a expressão e interpretação da realidade interna de pessoas individuais e coletivas" (Ibid, 2010, p. 11).

Música como manifestação forjada na cultura desenvolve-se com a própria sociedade. Criações entoadas em uníssono no canto Gregoriano passam para coros com diferentes melodias e o contra ponto surgiu revelando diferentes possibilidades oferecidas pela música. Dentre as funções que lhe eram atribuídas estava a de tratar a saúde. Com influencias dos pensadores gregos os sons tinham uma função de remédios sonoros no alívio dos espíritos perturbados propiciavam o equilíbrio físico e emocional (CUNHA et. all, 2010).

A música dos séculos XVIII e XIX acompanha as transformações sociais, políticas e econômicas vividas. Apresenta-se a grandiosidade da música instrumental, a construção da harmonia, o virtuosismo e também alguns sentimentos como renúncia e liberdade estavam presentes nas diversas sonoridades de modo que, segundo Magnani (apud CUNHA *et. all.* 2010 p. 18), “a arte dos sons alimentou a humanidade de beleza”. No século XX não foi diferente, o homem trouxe para a expressão musical ‘os matizes dos sentimentos que experimentava’ e também das diversidades sonoras. Os sons de fábricas, carros e natureza até então tidos como ruídos são integrados às músicas.

Tanto Silva quanto Cunha, *et all.* trazem a realidade como parte da experiência na Musicoterapia olhando pelo viés da Música - Arte. Um destaque para o acontecimento estético segundo o pensamento de Baungartem olha a estética por ela mesma, ou seja, desvinculada de uma filosofia da Arte é uma cognição estética, um conhecimento sensível. (CAMARGO, 2010). Deste modo olha para os sons, suas organizações, quem os fez e como eles são recebidos inicialmente no corpo do ouvinte.

Por uma Estética da Percepção

Nessa direção a Estética não se relaciona apenas a formas e conteúdos das obras de arte. Camargo (2010, p.73) a apresenta como: “conhecimento sensível”, aquele que conhece pelos sentidos físicos”. O autor resgata, assim, discussões sobre um ‘discurso do corpo’.

A cognição sensível está diretamente ligada à Estética, ao campo do sentir. O que ela faz? Está ligada aos órgãos dos sentidos humanos, contudo, não no aspecto de denominações, de explicações, mas sim, “na leitura externa de sua existência no mundo”, existência essa em relação com o meio, o contexto, “com as outras coisas particulares que habitam a vizinhança”. Uma maneira de se tentar explicar ou falar do inefável, do que se sente, antes que o pensamento lógico atribua a esse sentir uma explicação, “observando assim a ocorrência das causas e efeitos” (CAMARGO, 2010).

Em tempos atuais, com tantas conquistas tecnológicas e com tanta rapidez de comunicação o que se faz com essa capacidade humana? Para Camargo (2010, p. 73) “esse primeiro conhecimento, amortecido e amordaçado pela hegemonia do *logos*, precisa ser novamente ativado de vez que novas exigências comunicativas emergem com a mundialização da audiovisualidade e da tatilidade.”

A estética, ou cognição sensível, produz qual conhecimento? Ela nos coloca diante da realidade, no aqui e agora. Camargo (2010) deixa claro que em sua pesquisa, sobre Estética, não está considerando apenas no campo das Artes. Ele esclarece que não desconsidera a Arte, mas sim entende a relação entre ambas: “as artes estão para a estética, assim como a música está para o som”. Ou seja, nem toda estética é arte, mas toda arte está no domínio da estética (Camargo, 2010, p.75). Com isso a cognição estética é um campo de conhecimento que ‘processa suas informações a partir da percepção de sinais’ existentes no mundo real. Ela processa os *Saberes*. Para tanto, a sensibilidade adequada para construir tal conhecimento (estético) advém do treinamento da percepção humana e as manifestações artísticas são um ambiente muito favorável.

As experiências estéticas, deste modo, favorecem a cognição sensível. Quando se sabe que se está diante de uma experiência estética? As manifestações artísticas, como já citadas são por excelência o lugar, mas qual a condição para a existência de tal experiência? O encontro, na ‘estese’, ou seja: “no evento que produz um encontro afetivo entre a expressão espontânea de sinais estéticos que vão em direção da percepção dos sentidos físicos do corpo humano provocando sensações singulares no indivíduo”. Importante ressaltar que esse encontro, essa estese conta com a “inesperável emotividade da sensação do mundo, para além do conceito” (CAMARGO, 2010, p 77). Com isso, ela produz todo o tipo de sensações humanas: “um susto, um orgasmo, um choque emocional, o gozo de um afeto, uma paixão irrefletida, o sabor de uma fruta, o perfume de uma flor, o peso de um corpo ou a percepção de calor, além da estese produzida pela experiência de uma obra de arte” (*Ibid*, p.79).

Enquanto sensações, as esteses, são acontecimentos epifânicos, rápidos e repentinos, que desaparecem rapidamente também. Nem por isso menos importante, pois a duração de tempo aqui é irrelevante e pode distorcer a percepção lógica do tempo que temos enquanto duração por mostrar-se intensa. Assim, é um acontecimento energicamente vivo e cada pessoa vive um encontro, uma epifania particular e própria.

Os resultados de uma experiência estética não estão no âmbito da linguagem verbal, ou mesmo de linguagens construídas na cultura. Eles não podem ser interpretados, pois esse é o campo do pensamento lógico, de modo que “ou a linguagem rouba a existência real do momento estético, traduzindo-o num discurso em favor do *logos*, ou abafa o processo de estese com o tampão intelectual da conceituação. Toda interpretação, portanto, é uma traição à realidade dos fatos” (CAMARGO, 2011, p. 82).

Contudo, uma das funções da cognição é a comunicação. Assim o estese próprio da cognição estética “poderia ser chamado de mensagem de uma comunicação estética” (*Ibid*, p. 82). O que é comunicado nas experiências estéticas se dá no compartilhar dos momentos e essa comunicação por sinais estéticos resulta em conhecimentos afetivos individuais envolvendo pessoas, comunidades e seus corpos. Esse âmbito comunicacional “é a garantia de uma cognição sensível” (*Ibid*, p. 82) não importa o que é comunicado, mas o processo comunicacional que envolve pessoas no mundo. Cada uma tem sensações particulares com um mesmo evento estético e isso pode ser percebido, e assim, comunicado.

Suas ideias levam assim à descrição de uma Estética da Percepção. Essa teria como foco a cognição sensível, ou seja, o campo do sentir e suas características de a) *sensibilidade*, b) *inconcebível* e c) *insignificante*, seus sinais estéticos com suas qualidades como: a) sensasionalidade, afetividade, emotividade, passionalidade, erotividade e superficialidade; b) incompreensibilidade, intensividade, indefinibilidade, atemporalidade, diversidade e equivocidade; c) paradoxia, irregularidade, originalidade, infabilidade, efemeridade e insensatez. Sob o olhar logocêntrico essas palavras trazem a ideia de coisas com ‘pouco valor’, contudo são essenciais à

compreensão do campo do sentir. As experiências estéticas e, advindas dessas, a cognição estética, acontece pela epifania, na surpresa, num arrebatamento emocional no aqui e agora, de momentos. Aumentar sua continuidade não depende de controles da consciência, ou de uma vontade racional. “Ao atingir a sensibilidade do indivíduo, os sinais estéticos provocam a sensação de presença das coisas do mundo” (CAMARGO, 2010 b, p.17. n/p). A Estética da Percepção, deste modo, objetiva

a constituição de um conhecimento estético do mundo, visando uma educação da sensibilidade a par com a tradicional educação racionalista não como oposição, mas como contraparte do conhecimento representacional (gramatical e matemático) e conteudístico (CAMARGO, 2010b, p. 17 n/p).

A experiência estética sob uma Estética da Percepção se dá no aqui e agora e oferece um conhecimento estético do mundo. É uma manifestação corporal e assim, necessita do encontro desse corpo com a materialidade da experiência estética, num deixar ser, na supressão momentânea do *logos*. Uma cognição sensível, inclusive a musical envolve dar voz ao corpo.

Estética na Musicoterapia numa Estética da Percepção

As abordagens que têm por base a Música propõem uma revisão do conceito de música de modo que ela não é tida como um objeto a ser manuseado, mas como uma forma de ser de cada pessoa (*Musicing*) (ELLIOTT, *apud* AIGEN, 2005). Nesse ambiente, o conceito de musicalidade diferencia-se de como ela é compreendida no senso comum (habilidade para a execução musical, ou, um dom especial) e amplia-se para o campo da percepção auditiva (uma forma de cognição). Como capacidade de percepção auditiva (sons e vibrações) é pela musicalidade que os aspectos relacionais entre os sons tem sentido para cada pessoa. É por essa via perceptiva que a matéria sonora (notas musicais) ‘afeta’ o corpo do ouvinte antes que seu pensamento lógico esteja em ação. É pela percepção corporal que o

pensamento constrói sua interpretação da realidade, assim, o que afeta o corpo do ouvinte torna real a experiência enquanto o pensamento lógico a 'traduz' em palavras. Como se trata de uma experiência estética toda forma de tradução traz consigo uma perda simplesmente por ser uma tradução. A linguagem musical tem correspondente na própria linguagem musical e traz em si, pela qualidade do 'afeto', o contato com a realidade de cada pessoa, com seu jeito de ser e estar no mundo. Ou seja, não se trata de música como linguagem, ou como forma de traduzir os sentimentos.

Musicoterapia acontece com a música e na música como manifestação artística. Assim é fundamental que se considere as características estéticas de cada obra, e a experiência estética por ela proporcionada (Estética da Percepção), pois estas apresentam um valor clínico no processo em andamento. Música aqui é considerada uma ação humana e não um objeto a parte, a disposição para representar os sentimentos e expressões humanas.

Tsirís (2008), no texto, *'Aesthetic Experience and Transformation in Music Therapy the critical essay'*, publicado no *Voices* traz o pensamento de Kenneth Aigen (1995) sobre música em musicoterapia e o valor da estética nessa área: "Música na musicoterapia não é usada apenas como um meio para um fim que poderia ser abordado através de caminhos alternativos. A música é um meio, o qual é o foco da relação terapêutica e não está separado dos seus objetivos clínicos"(AIGEN, *apud* TSIRIS, 2008, p.4). Assim as qualidades estéticas são aspectos essenciais dos valores clínicos da música.

O ser humano precisa da arte e significa sua existência nessa forma de construção. A música em musicoterapia não pode ser separada de seu aspecto artístico, construtivo e transformador e o ambiente clínico tem interesse nos processos criativos e não nos produtos artísticos alcançados. Como também pelas experiências estéticas vividas com a música o encontro de cada um com sua realidade é vivo e constante. Realidade antes de sua interpretação pelo pensamento lógico.

Esta premissa denota uma visão da música como um processo, como uma experiência de momento para momento que fornece ao cliente oportunidades para descobrir, experimentar e transformar vários aspectos de seu *self* e de seu *self* em relação

com o ambiente e outras pessoas em torno dele (TSIRIS, 2008, p.4).

Estar com o foco no processo artístico e não no produto artístico, como também na experiência estética torna as experiências de recriação musical um ambiente flexível e seguro. Ao acompanhar uma execução musical de recriação por parte do cliente, o musicoterapeuta deve conhecer a linguagem musical da canção e assim preservar as características estéticas da obra pois essas tem significativo 'valor' para a experiência de cada cliente de musicoterapia. A flexibilidade existe no momento em que se permite viver na música o que o cliente á na vida.

A importancia da estética na musicoterapia transcende os aspectos estruturais da obra (Arte) e alcançam a essência criativa e de criação humanas (Experiência Estética por uma Estética da Percepção). Torna-se assim elementos importantes para os objetivos não musicais devido o envolvimento ativo do cliente com a experiência musical (TSIRIS, 2008). De modo que, a fusão dos meios e as finalidades na experiência estética, segundo Aigen (*apud*, TSIRIS, 2008, p 4), favorecem o desenvolvimento “de um sentido geral da vida, uma vida com significado e finalidade” inerentes aos processos de auto conhecimento vivenciados nos processos clínicos. A possibilidade de fusão da estética com os acontecimentos da vida fundamenta o valor clínico da música e está presente no pensamento Musico Centrado de Musicoterapia (AIGEN, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de trazer esse tema para esse Fórum é de fomentar debates e discussões na direção da ampliação do conhecimento sobre o campo: Música em Musicoterapia. Falar de Arte, Estética e agora uma Estética da Percepção é aumentar o campo de entendimentos específicos para nosso campo teórico.

Olhar o trabalho musicoterápico pelo viés da Estética da Percepção não é contraditório ao pensamento de estética e arte descritos nesse texto. Ao

contrário objetiva mais uma possibilidade e aponta para um detalhe importante no campo da interação/comunicação na Musicoterapia. Existe no nosso campo teórico o entendimento da música como linguagem 'não verbal', contudo essa fundamentação advem de uma oposição à verbalidade. Para uma teoria da Musicoterapia é interessante considerar música em seu aspecto comunicacional como Comunicação Estética e acolhendo desse modo o conhecimento sensível, escutar a musicalidade nas ações das pessoas.

Com esse artigo apresentamos algumas reflexões sobre o tema da Estética na dimensão maior de Música em Musicoterapia. Também com os resultados da pesquisa clínica em andamento no Centro de Atendimentos e Estudos interdisciplinares em Musicoterapia CAEMT-FAP denominada: O estudos da musicalidade como cognição estética na musicoterapia esperamos trazer de modo mais concreto e real a viabilidade das considerações aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Marcos Henrique. **O complexo de Dante, contribuições para uma estética da percepção**. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós graduação do Instituto da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 2010.

_____ **Por uma Estética da Percepção**, 2010b, n/p.

_____ **As Estéticas e suas definições de Arte**. In. **Revista Científica /FAP** v.04 jan/jun. Curitiba: 2009, p. 99 - 114

CUNHA, Rosemyriam et. All. Homem, Música e Musicoterapia in **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia** v.01 julho. Curitiba: 2010, p 9 – 26.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Música seus usos e Recursos**. Editora da Unesp. São Paulo:2003.

SILVA, Lydio Roberto A Música como Espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades. in **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia** v.01 julho. Curitiba: 2010, p. 27 – 37.

TSIRIS, G. *Aesthetic Experience and Transformation in Music Therapy: A Critical Essay*. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, 2008. Disponível em: <<http://www.voices.no/mainissues/mi40008000286.php>>. Acesso em 01 de maio de 2011.